

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**APARECIDA DONIZETE MACHADO**

**ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA E  
AMADURECIMENTO HUMANO-ESPIRITUAL**

**São Paulo**

**2016**

**APARECIDA DONIZETE MACHADO**

**ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA E AMADURECIMENTO  
HUMANO-ESPIRITUAL**

Trabalho de conclusão do Curso apresentado a  
Coordenação da Faculdade de Teologia – Pós-Graduação  
Lato Sensu em Liturgia da Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Pe. Cristiano Marmelo Pinto

São Paulo

2016

APARECIDA DONIZETE MACHADO

# **ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA E AMADURECIMENTO HUMANO-ESPIRITUAL**

Trabalho de conclusão do Curso apresentado a Coordenação da Faculdade de Teologia – Pós-Graduação Lato Sensu em Liturgia, Ciência e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Orientador: Prof. Me. Pe. Cristiano Marmelo Pinto – Orientador

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus pais Luiz e Ana (*in memoriam*). Com eles aprendi que a vida é bonita e dinâmica; que uma vida assumida no amor é possível; que a partilha é consequência de uma fé viva e encarnada; e que o sentido da vida se constrói numa tarefa contínua e diária.

As minhas irmãs: Lenice, Lourdes e Geiza, companheiras fiéis. A família que construímos enquanto Irmãs Missionárias da Sagrada Família.

## **Resumo**

O presente estudo se pautou em uma metodologia de cunho bibliográfico que visou rastrear, em bases de dados, investigações realizadas nas áreas da liturgia e psicologia, sobre a espiritualidade litúrgica e sua contribuição para o amadurecimento humano-espiritual. Buscou-se ainda identificar como a vivência na espiritualidade litúrgica pode contribuir no desenvolvimento de pessoas mais plenas. Assim, foi realizada uma caracterização da espiritualidade, vida espiritual, liturgia, espiritualidade litúrgica, o processo de tornar-se pessoa segundo a psicologia humanista de Carl Rogers e os sacramentos de cura.

**Palavras-chave:** espiritualidade, vida espiritual, liturgia, psicologia humanista de Carl Rogers, sacramentos de cura, amadurecimento humano-espiritual.

## **Abstract**

This study was based on a bibliographic nature methodology that aimed track, databases, investigations carried out in the areas of liturgy and psychology, on the liturgical spirituality and its contribution to the human and spiritual maturity. It sought to further identify how the liturgical spirituality experience can contribute to the development of fuller people. Thus, a characterization of spirituality was held, spiritual life, liturgy, liturgical spirituality, the process of becoming a person according to humanistic psychology of Carl Rogers and the sacraments of healing.

**Keywords:** spirituality, spiritual life, liturgy, humanistic psychology of Carl Rogers, the sacraments of healing, human and spiritual maturity.

## SUMÁRIO

<b>INTRUDUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I: ESPIRITUALIDADE UMA DIMENSÃO DO SER HUMANO .....</b>	<b>10</b>
1.1 As dimensões estruturais do ser humano .....	10
1.2 A dimensão espiritual na vida humana .....	11
1.3 Vida espiritual: vocação comum e pessoal .....	14
<b>CAPÍTULO II: ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA.....</b>	<b>17</b>
2.1 Definição de Liturgia na SC: aspectos mais importantes.....	17
2.2 Relações entre liturgia e vida espiritual .....	19
2.3 Espiritualidade litúrgica e suas características.....	21
<b>CAPÍTULO III: O PROCESSO DE AMADURECIMENTO HUMANO-ESPIRITUAL.....</b>	<b>24</b>
3.1 O processo de tornar-se pessoa segundo Carl Rogers .....	24
3.2 Características de uma pessoa em vias de amadurecimento humano-espiritual.....	29
3.3 Vivencia da espiritualidade litúrgica e suas contribuições para o processo de amadurecimento humano .....	31
3.3.1 SACRAMENTOS DE CURA: O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA E DA RECONCILIAÇÃO .....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa intitulado “Espiritualidade Litúrgica e amadurecimento humano” surgiu de um questionamento pessoal acerca da contribuição da liturgia para o desenvolvimento de pessoas mais plenas, a partir da visão de homem da psicologia humanista.

A psicologia humanista vê o ser humano como um todo complexo e organicamente integrado, cujas qualidades únicas vêm de sua configuração total. Portanto, o ser humano é um ser em busca e em construção de si mesmo cuja natureza continuamente se desvela e exprime no realizar de suas possibilidades e na atualização de seu potencial, ou seja, há uma tendência para crescer, um movimento de sair de si, um projetar-se, um devir, um incessante tornar-se, um contínuo processo de vir a ser.

Por sua vez, a espiritualidade litúrgica nos dá a visão da liturgia como mistério que deve ser celebrado e vivido, assimilado e tornado visível no processo da vida cristã no nível individual, comunitário e social.

Diante do que foi exposto, a questão se justifica na hipótese de que a espiritualidade litúrgica vivida e celebrada pode vir a ser um caminho de crescimento humano-espiritual.

O objetivo deste trabalho de pesquisa é identificar como a espiritualidade litúrgica pode ajudar a pessoa no caminho do amadurecimento humano-espiritual. A fim de chegar a este objetivo iremos refletir sobre o amadurecimento humano, o significado da espiritualidade litúrgica e suas implicações, conceituando e diferenciando estes conceitos, buscaremos verificar ainda a contribuição da liturgia para a constituição do sujeito. A proposta metodológica para este estudo é uma revisão bibliográfica sobre o tema principal; e afins que venham a responder à questão principal deste trabalho.

Para tudo isso, propõe-se o seguinte plano de estudo: no capítulo primeiro faremos uma explanação da espiritualidade enquanto dimensão do ser humano, assim como abordaremos as dimensões estruturais do ser humano, a dimensão espiritual na vida humana e a vida espiritual: vocação comum e pessoal. O segundo capítulo por sua vez discutirá sobre espiritualidade litúrgica, a definição

de liturgia na Sacrosanctum Concilium, a relação entre liturgia e vida espiritual, assim como a convergência de ambas para a vivência cristã. Já no terceiro capítulo abordaremos o processo de amadurecimento humano-espiritual, o processo de tornar-se pessoa segundo Carl Rogers, as características de uma pessoa em vias de amadurecimento humano-espiritual, e finalmente veremos como a vivência da espiritualidade litúrgica pode ser um fator de crescimento e amadurecimento da pessoa humana.

Por fim, pretendemos através do desenvolvimento deste estudo contribuir para com a comunidade científica na produção de conhecimentos específicos, aproximando duas áreas do saber humano: liturgia e psicologia. Além do auxílio no âmbito científico, este trabalho tem uma importância eclesial e social, pois de posse desses novos conhecimentos é possível programar novas ações pastorais, através de um trabalho interdisciplinar, que vise melhorar a participação dos fiéis cristãos nas ações litúrgicas e, conseqüentemente, obter a promoção da saúde e qualidade de vida.

## CAPÍTULO I - ESPIRITUALIDADE UMA DIMENSÃO DO SER HUMANO

### 1.1 As dimensões estruturais do ser humano

O ser humano pode ser entendido em sua complexidade através de três níveis estruturais sendo eles: o corporal, o psicológico e o espiritual. Esses níveis estruturais, segundo Giovanetti, são adquiridos no social<sup>1</sup>.

Em se tratando da dimensão corporal, segundo o autor ora citado, não se deve reduzir tal dimensão apenas ao nível físico e biológico, pois ela para além, expressa a presença imediata do homem no mundo se refletindo numa certa intencionalidade. Assim sendo, o corpo humano não é um simples funcionamento de sistemas: bioquímico, genético, endócrino, nervoso, mas exprime em si uma intencionalidade de sujeito, a presença do humano<sup>2</sup>.

A dimensão psíquica revela a singularidade do sujeito, é a dimensão do homem que o possibilita subjetivar a realidade, ou seja, tornar sua a realidade. O psíquico irá revelar a presença deste mesmo homem no mundo, de uma maneira diferente da dimensão corporal, a revelação com características próprias construídas através de experiências vividas na vida que se manifestam na reflexividade dos atos psíquicos que os distingue radicalmente de quaisquer outros processos orgânicos que têm lugar no domínio da corporeidade<sup>3</sup>.

A terceira dimensão é a espiritual ou noética<sup>4</sup>, responsável por muitas experiências humanas, principalmente pela vivência da liberdade e da responsabilidade. Responsabilidade esta que se caracteriza pela capacidade humana de responder e se posicionar com liberdade diante das circunstâncias presentes na vida. O que pressupõe uma “liberdade para” efetivar o posicionamento do indivíduo no mundo, de forma irrepetível e única. “Falar de existência, na sua dimensão espiritual, é falar, sobretudo do ‘ser-responsável’ e do ‘ser humano consciente de sua responsabilidade’”. Quando se fala em

---

<sup>1</sup> GIOVANETTI, José Paulo. O Sagrado na Psicoterapia. In: Angerani – Camon, Valdemar Augusto (org.). *Vanguarda em psicoterapia fenomenológico-existencial*. São Paulo: Thomson Learning, 2004, p. 3.

<sup>2</sup> GIOVANETTI, José Paulo. O Sagrado na Psicoterapia...p. 4

<sup>3</sup> Vaz apud GIOVANETTI, José Paulo. O Sagrado na Psicoterapia... p. 4

<sup>4</sup> Frankl apud GIOVANETTI, José Paulo. O Sagrado na Psicoterapia... p.5

liberdade, a partir da dimensão espiritual, há uma referência à maneira criativa e própria de cada indivíduo, expressa quando este responde as circunstâncias cotidianas ou excepcionais de sua existência<sup>5</sup>.

Essa dimensão do ser humano é responsável pela “experiência fundamental segundo, a qual o homem está presente a si mesmo e está presente ao mundo”<sup>6</sup>. Ela possibilita ao ser humano a colocação do sentido da vida. Assim, enquanto a dimensão psíquica no ser humano possibilita a subjetivação do real, o nível espiritual explícita ou implicitamente, faz brotar a intencionalidade. Assim sendo, é por meio do espírito, que o ser humano se coloca “diante das situações, conferindo a elas um sentido, um motivo ou razão pela qual vale a pena continuar vivendo. A dimensão espiritual mostra-se, portanto, como uma dimensão não-determinada, mas determinante da existência”<sup>7</sup>.

É a dimensão espiritual, que possibilita ao ser humano a hierarquização dos valores de sua existência. “A capacidade de priorizar este ou aquele valor é tarefa do espírito, isso quer dizer que o hierarquizar valores acontece por meio da dimensão espiritual ou noética do ser humano”<sup>8</sup>.

Por fim, afirma Boff, essa dimensão espiritual da qual o ser humano é possuidor se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, e se traduz pelo amor, pela sensibilidade, pela compaixão, pela escuta do outro, pela responsabilidade e pelo cuidado como atitude fundamental. Alimentar a espiritualidade “é alimentar um sentido profundo de valores pelos quais vale se sacrificar tempo, energias e, no limite, a própria vida”<sup>9</sup>.

## **1.2 A dimensão espiritual na vida humana**

---

<sup>5</sup>COELHO J., A.G.; MAHFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicol. USP*, v.12, n.2. São Paulo: 2001.

<sup>6</sup> Vaz apud GIOVANETTI, José Paulo. *O Sagrado na Psicoterapia...* p. 5

<sup>7</sup> Coelho apud GIOVANETTI, José Paulo. *O Sagrado na Psicoterapia...* p. 5

<sup>8</sup>GIOVANETTI, José Paulo. *O Sagrado na Psicoterapia...* p. 5

<sup>9</sup> BOFF, L. *Espiritualidade. Um caminho de transformação.* Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 51.

Após discorrermos sobre as dimensões estruturais do ser humano, vamos abordar a espiritualidade como uma dimensão da vida humana, a partir da compreensão bíblica, embora esta não ofereça um tratado sistemático sobre espiritualidade, nela não encontramos outra coisa senão a vivência/experiência mais ou menos consciente, reflexa e elaborada da dimensão espiritual da vida humana, que tem a ver fundamentalmente com a experiência de Deus<sup>10</sup>. Assim sendo, vamos identificar algumas das principais características do que seja o espiritual da vida humana.

A primeira coisa que nos chama a atenção é que o espiritual e o material, nos relatos bíblicos estão intrinsicamente vinculados. A Bíblia fala sempre da vida concreta em sua totalidade e complexidade, ainda que destacando nela esta dimensão que a vincula mais diretamente a Deus. Há, portanto, uma unidade fundamental entre o espiritual e o material: Deus, o espiritual, materializa-se no Êxodo e na práxis de Jesus Cristo, por sua vez, é uma materialidade espiritualmente dinamizada e conduzida pelo Espírito de Deus<sup>11</sup>. A experiência espiritual na Sagrada Escritura é, portanto, uma experiência materialmente mediada e possibilitada, isso aparece através das expressões utilizadas para referir-se a tais experiências:

O que comumente chamamos *espírito* [latim: *spiritus*; o grego: *pneuma*; hebraico: *ruah*] manifesta-se aí “através de símbolos fluidos e impessoais”, como “dinamismo de vida e força” [vento, água, fogo, defesa, selo, dedo...] e como “doçura e suavidade penetrante” [perfume, vinho, unção, pomba...]. E o que comumente chamamos alma [latim: *anima*; grego: *psyche*; hebreu: *nefesh*] designa aí tanto garganta e pescoço [necessário para a ingestão de alimentos e para a respiração] quanto a sede do desejo e de outros sentimentos, quanto, ainda, a própria vida ou o ser vivente<sup>12</sup>.

Portanto, a vida humana é considerada em sua totalidade, em ambos os casos, assim ela é considerada do ponto de vista de seu dinamismo vital e de sua relação com Deus. O espírito-sopro é aquele que age e faz agir e, quando

---

<sup>10</sup>AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo: espiritualidade como seguimento. *Convergência*, novembro 2011. XLVI. Nº 446 (p. 574-592). p. 578

<sup>11</sup>AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 580

<sup>12</sup>AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 580

se trata do Sopro de Deus, anima, faz agir para realizar o desígnio de Deus. É sempre uma energia de vida<sup>13</sup>.

Um outro aspecto se refere ao dinamismo vital enquanto dom de Deus<sup>14</sup>. Portanto, a expressão espírito nos relatos bíblicos pode se referir tanto a vida humana quanto a Deus, ou a ambos conjuntamente. “É o Espírito de Deus que dá vida, que revela seus desígnios e que faz agir de acordo com eles”. No Antigo Testamento, o Espírito tem a ver com a criação, com a profecia e com a sabedoria; designa a “ação e presença permanente de Deus na criação e na história” (cria, liberta e penetra os corações); “é uma força misteriosa que, a partir de dentro e de maneira sutil, tudo penetra e ilumina, purifica e santifica, vivifica e dá consistência definitiva”; diz respeito ao dinamismo vital e à ação vivificante de Deus ou ao próprio Deus; é simultaneamente espírito humano e Espírito divino. Por sua vez, no Novo Testamento, o Espírito tem a ver fundamentalmente com Jesus Cristo e com a vida cristã: diz respeito ao dinamismo vital/acional de Jesus Cristo e dos cristãos, enquanto configurados ou conformados a ele<sup>15</sup>.

Em Jesus de Nazaré, o caráter mais fluido e impessoal das imagens que evocam a presença e ação do Espírito ganha tal concretude e densidade que se constitui critério e medida de discernimento de sua presença e ação no mundo, dito de outra forma, a vida concreta de Jesus de Nazaré se apresenta como critério e a medida da unidade entre o espírito humano e o Espírito Santo, ou seja, do dinamismo vital enquanto dom de Deus. Assim, “a espiritualidade cristã não é outra coisa senão viver segundo o Espírito de Jesus, isto é, seguir seus passos, viver com ele viveu”<sup>16</sup>.

Assim sendo a dimensão espiritual da vida humana tem a ver, tanto com seu dinamismo vital – espírito humano, com tudo aquilo que lhe é próprio: vitalidade, instinto, força, energia, impulsos, motivações, paixões, etc. “que fazem da realidade humana uma realidade viva/ativa, uma realidade aberta, transcendente, dinâmica, inacabada, em realização...”. Quanto com a fonte

---

<sup>13</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 580

<sup>14</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 581

<sup>15</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 581

<sup>16</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 582

desse dinamismo – Espírito de Deus, que não é outra coisa senão o dinamismo vital enquanto dom, graça de Deus.

É Deus que mediante seu Espírito vivificante, dá a vida e faz agir; é ele que impulsionando e orienta a ação segundo a justiça, de modo a conservar e promover a vida, sobretudo dos fracos e oprimidos; é ele que mantém a vida das pessoas e a história dos povos permanentemente aberta, em constante transcendência, impedindo que qualquer acontecimento ou situação tenha a última palavra; por fim, é ele que nos faz superar todos os limites, até mesmo a morte, mantendo viva nossa esperança contra todas as evidências e mesmo contra toda esperança: “a esperança é a última que morre” e “se morrer, ressuscita”, lembra Casaldàliga<sup>17</sup>.

Enfim, a dimensão espiritual que nos constitui se revela como abertura, dinamismo, transcendência e, em última instância, comunhão ou ruptura com Deus.

### **1.3 Vida espiritual: vocação comum e pessoal**

Como vimos acima, a dimensão espiritual está intrinsecamente presente na vida do ser humano, constituindo-a e influenciando sobre sua ação no mundo. De uma forma muito mais profunda, se assim podemos dizer, a vida espiritual cristã, está marcada pois que é guiada pela parte mais nobre de si o “espírito”, é a vida “no Espírito”<sup>18</sup>.

Para Aquino Júnior, o Espírito nas escrituras cristãs, mais especificamente o novo testamento, aparece sempre vinculado a Jesus Cristo, tornando-se o Espírito de Deus, inseparável de sua vida e de sua práxis, sendo portanto, o lugar por excelência de sua manifestação e revelação.

Daí que falar da espiritualidade, na perspectiva cristã, não seja outra coisa senão falar da experiência do Espírito de Jesus de Nazaré: viver como ele viveu e do que ele viveu, isto é, configurar ou conformar a própria vida à sua vida. Numa palavra: viver segundo seu Espírito<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 582

<sup>18</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 31

<sup>19</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 584

Assim, a partir da visão cristã, homens e mulheres espirituais são aqueles e aquelas que estão imbuídos do Espírito de Cristo, e o estão de uma forma viva e constatável, pois tanto a pessoa quanto sua ação são invadidas pela força e a vida desse Espírito. Conseqüentemente, não podemos falar de espiritualidade cristã sem nos voltarmos para a vida concreta de Jesus de Nazaré, explicitando sua estrutura e dinâmica de vida. Pois, que são elas o parâmetro para um confronto com a nossa própria vida, no intuito de respondermos até que ponto vivemos uma espiritualidade genuinamente cristã, independentemente do discurso e da confissão explícita da fé<sup>20</sup>.

Se a vida e práxis de Jesus de Nazaré, deve ser o ponto de referência da espiritualidade cristã, vejamos o que tem a ver fundamentalmente seu dinamismo vital. Aquino Júnior, diz-nos que sua vida concreta e sua práxis, sua vivência espiritual tem a ver essencialmente com sua interação e relação com as demais pessoas e com Deus, numa tal unidade que as torna inseparável. Citando, Ellacuría, o autor citado, diz-nos que

O Espírito de Jesus, se refere tanto “ao Deus que Jesus confessa como seu Pai” quanto “ao modo como Jesus estabelece sua relação com Deus na realização de sua vida e na práxis de sua missão”. Jesus age movido pela e na força do Espírito e nessa ação no Espírito é obediente e fiel a Deus como um filho é obediente e fiel ao seu Pai. De modo que tanto sua ação salvífica (Reinado de Deus) quanto sua relação com o Pai (filiação) dá-se no Espírito Santo<sup>21</sup>.

Portanto, se de um lado, Jesus age movido e na força do Espírito Santo<sup>22</sup>. Por outro lado, ao se deixar conduzir pelo Espírito de Deus, agindo segundo seu dinamismo, sua força e seu poder, Jesus revela tanto o Deus em quem crê (ação salvífica), quanto o modo como ele se relaciona com esse Deus (relação filial). Esses dois aspectos da vida espiritual de Jesus implicam-se e condicionam-se mutuamente: “em sua ação (realização do Reinado de Deus), Jesus revela o Deus em quem crê (Pai) e é fiel e obediente a ele (Filho); o Deus em quem Jesus crê (Pai) se manifesta precisamente em sua vida/ação (Reinado de Deus)”<sup>23</sup>.

<sup>20</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 585

<sup>21</sup> Ellacuría, apud, AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 585

<sup>22</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 586

<sup>23</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 587

Assim sendo a vida espiritual cristã, enquanto experiência do Espírito de Jesus Cristo, tem a ver com nossa relação com Deus e os irmãos: “(...) o Espírito Santo, que guiou o caminho histórico de Jesus para o Pai, realiza em nós (...) o que realizou nele. Faz que vivamos na filiação em relação a Deus e na fraternidade em relação aos homens”<sup>24</sup>.

A vida espiritual cristã, portanto, é a realização do desígnio de Deus, atualizada por meio de palavras, dos sacramentos e da vida teologal, através duas dimensões, unificadas depois na existência concreta do crente: uma comum e comunitária, que é a vocação universal a santidade manifestada pelo Concílio Vaticano II e documentos pós-conciliares; e outra pessoal, que é a encarnação do desígnio comum de salvação nas características próprias e irrepetíveis de cada ser humano, segundo as diversas circunstâncias<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Ladária, apud, AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 587

<sup>25</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 32

## CAPÍTULO II - ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

### 2.1. Definição de Liturgia na SC: aspectos mais importantes

Segundo Augé<sup>26</sup>, a Sacrosanctum Concilium situa a liturgia no contexto da revelação, como história da salvação. Citando o nº 6 do referido documento, o autor, diz-nos que a liturgia se apresenta como verdadeira tradição, ou seja, lugar da transmissão do mistério salvífico de Cristo através do rito, de uma forma sempre nova e adequada à sucessão dos tempos e à diversidade de lugares.

Diz-nos a Sacrosanctum Concilium, em seu número 7 a respeito da liturgia:

Com razão se considera a liturgia o exercício do sacerdócio de Cristo, em que se manifesta por sinais e se realiza a seu modo a santificação dos seres humanos, ao mesmo tempo que o corpo místico de Cristo presta culto público perfeito à sua cabeça<sup>27</sup>.

Para Augé<sup>28</sup> e Castellano<sup>29</sup>, os elementos mais importantes desta definição de liturgia, devem ser decodificados no contexto doutrinal do mesmo documento. Dentre os elementos mais importantes Castellano<sup>30</sup>, destaca:

a) **Exercício do sacerdócio de Jesus Cristo** – segundo o autor ora citado, este é o conceito fontal da liturgia, o sacerdócio exercido por Cristo durante sua vida tem culminância no mistério pascal, e se prolonga desde Pentecostes até a parúsia, nos atingindo no tempo, realiza e torna-se presente na Igreja e, por meio dela, na liturgia. O sacerdócio e a mediação do Kyrios glorioso têm um duplo movimento, característico de sua função pontifical: Cristo traz aos homens a salvação: santifica-os por meio de sua humanidade – fonte do Espírito – prolongada agora nos sacramentos da Igreja; Cristo presta eternamente ao Pai o verdadeiro culto de amor e de obediência filial: ele continua

<sup>26</sup> AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade. São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 61

<sup>27</sup> SACROSANCTUM CONCILIUM: sobre a sagrada liturgia. 11ªed. São Paulo: Paulinas, 2011, nº 7.

<sup>28</sup> AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade... p. 62

<sup>29</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p.40

<sup>30</sup>CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 40-43

sendo no céu o que foi em sua vida terrena: o maior adorador do Pai, a realização absoluta e suprema da religiosidade. Neste movimento cultural, Cristo se associa à Igreja, por meio dela conduzindo todos a Deus. Por Cristo, temos acesso ao Pai em um só corpo e em um só Espírito.

b) **Santificação e Culto** – Castellano, diz-nos que a santificação é o primeiro passo no diálogo da salvação, tendo Deus a iniciativa, que se realiza com palavras e obras; a Palavra proclamada e acolhida pertence à ordem sacramental da santificação; é movimento de libertação do pecado e dom da vida divina com toda a sua plenitude. O culto é a resposta à ação salvífica; é a expressão de sentimentos filiais para com o Pai: fé, esperança, amor, adoração, ação de graças, arrependimento, louvor, intercessão, realização concreta do desígnio de Deus para a salvação do mundo. Estes dois aspectos estão intimamente ligados de forma que não poderemos prestar culto agradável a Deus se antes não formos santificados por ele. Assim o culto é a irradiação da santificação e divinização realizada por Deus em nós, afirma Castellano.

c) **O Corpo Místico** – a Igreja participa sempre nas ações litúrgicas em sua plenitude de Corpo Místico, afirma Castellano, citando o número 7 da SC. O mistério da Igreja determina em parte a natureza da litúrgica como ato comunitário, hierarquicamente organizado, público, encarnado em cada uma das realizações da Igreja universal, com a conseqüente tensão entre unidade e diversidade. Assim toda a Igreja exerce o culto com Cristo, porque é Corpo sacerdotal, conclui o mesmo autor.

d) **Atividade simbólica e eficaz** – devido a visibilidade da Igreja e o sentido antropológico e social da salvação cristã há uma exigência de que o duplo movimento santificação-culto se realize de maneira visível. Assim, o conjunto de sinais (Palavra, oração, objetos, gestos, atitudes, etc.) eficazes que constitui a liturgia não é senão expressão dessa mútua comunicação entre Cristo e sua Igreja. Aqui há uma tensão entre a fidelidade às fontes e a necessária adaptação litúrgica devida a utilização de símbolos, gestos e linguagem que precisam ser transparentes para a ação de graças e para a comunicação humana.

Além dos elementos que nos dão uma ideia ainda que artificial do conceito de liturgia, no conjunto da doutrina conciliar, Castellano<sup>31</sup> fala de três campos ou dimensões no conjunto da teologia conciliar que amplia e explicita melhor a definição da SC 7, sendo elas: a dimensão trinitária, a dimensão eclesial e a dimensão antropológica.

Para o referido autor, essas dimensões presentes em outros documentos conciliares como a *Lumen Gentium* (LG), o Catecismo da Igreja Católica (CIC), a *Gaudium et spes*, e outros vem complementar e sanar lacunas deixadas pela SC, em sua definição de liturgia, como por exemplo, a ausência do Espírito no número 7.

Assim, sendo quando se estuda e trabalha o conceito de liturgia é preciso ter a *Sacrosanctum Concilium* como base, mais buscar também em documentos conciliares complementar o referido conceito, a fim de abarcar o máximo de sua definição.

## **2.2. Relações entre liturgia e vida espiritual**

“Em todas as circunstâncias daí graças, porque está e a vontade de Deus a vosso respeito, em Cristo Jesus” (1Ts 5,18). Partindo dessa citação bíblica Fonseca<sup>32</sup>, diz do sentido teológico-litúrgico, dado pelo povo aquilo que lhe é próprio no cotidiano, ou seja, a liturgia alimentando a vida cotidiana, e o cotidiano impulsionando o povo a viver a ação litúrgica.

Castellano<sup>33</sup>, em seu texto, diz-nos que a partir de alguns princípios elucidados pela SC é possível estabelecer as relações entre liturgia e espiritualidade.

Mas a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor.

A liturgia também leva os fiéis a serem “unânicos na piedade”, depois de participarem dos “sacramentos pascais”, para que “na vida

<sup>31</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 44

<sup>32</sup> Fonseca, 2001, p. 110

<sup>33</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 52

conservem o receberam na fé”. A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como deu uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja<sup>34</sup>.

A partir do texto acima citado, Castellano chama atenção para alguns aspectos que nos ajuda a compreender como se pode articular a liturgia com a vida espiritual cristã. Dentre os elementos dessa articulação podemos destacar:

1) **Fonte e cume** – A liturgia é fonte e cume de toda ação da Igreja, pois é a realização da santificação (fonte) e do culto (cume). Assim a liturgia é fonte da vida espiritual que se inicia com o Batismo e com a Confirmação, sendo restaurada pela Penitencia e alimentando-se da Eucaristia. Conseqüentemente, toda a vida espiritual amadurece em contato com Cristo; Cristo, porém, entra em contato com os homens por meio dos sacramentos, de modo objetivo e real, segundo Castellano<sup>35</sup> e Aquino Júnior<sup>36</sup>. Ainda a liturgia é o cume de toda a vida espiritual, uma vez que a sua finalidade “é a realização da resposta existencial ao dom de Deus, realizada em uma conformação à imagem e aos sentimentos de Cristo, segundo a própria vocação particular da Igreja”<sup>37</sup>. Ou como nos diz Aquino Júnior, a respeito da espiritualidade cristã: “viver como ele viveu e do que ele viveu, isto é configurar ou conformar a própria vida à sua vida”<sup>38</sup>.

2) **As atividades extralitúrgicas** – citando a SC, Castellano nos alerta que entre a fonte e o cume da vida espiritual, acima descritas, há uma margem ampla para a existência real do cristão, na qual entram, as outras atividades espirituais, sem as quais seria inconcebível uma espiritualidade concreta e comprometida de todas essas atividades.

A vida espiritual não se resume na participação na liturgia. Chamando a orar em comum, o cristão não deve deixar também de entrar em seu quarto, para orar ao Pai no segredo do coração. Pelo contrário, seguindo o conselho do apóstolo, deve orar sem cessar. Pelo mesmo apóstolo, somos advertidos de que devemos levar sempre em nossos

<sup>34</sup> SACROSANCTUM CONCILIUM: sobre a sagrada liturgia... nº 10.

<sup>35</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 52

<sup>36</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 583.

<sup>37</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 53

<sup>38</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o espírito de Jesus Cristo... p. 584

corpos os sinais da morte de Cristo, para que também a sua vida se manifeste, um dia, em nossos corpos mortais. Pedimos, por isso, ao Senhor, no sacrifício da missa, que “aceite a hóstia da oblação espiritual e nos torne, a nós mesmos, uma oferenda eterna”<sup>39</sup>.

Assim sendo, de outra forma a liturgia seria puro ritualismo, se não fosse vivida com as exigências inseparáveis da vida teológica e não tivesse uma influência concreta na vida do cristão, afirma Castellano<sup>40</sup>.

3) **Os exercícios de piedade** – sobre as práticas de piedade popular diz-nos a SC:

Recomendam-se vivamente as práticas de piedade do povo cristão, desde que estejam conformes às leis e normas da Igreja, mas especialmente quando se fizerem por mandato da sé apostólica. As práticas recomendadas pelos bispos são especialmente dignas de louvor, desde que se façam segundo o costume e os livros legitimamente aprovados. Devem se harmonizar com os tempos litúrgicos e se articular com a liturgia, pois dela derivam e são destinadas a conduzir o povo à liturgia, que é muito superior a todas as práticas.<sup>41</sup>

De acordo, com Castellano<sup>42</sup>, embora muitos exercícios de piedade popular tenham surgido a margem da liturgia, o Concílio Vaticano II, os reconhece e recomenda como vimos na citação acima. Portanto, a liturgia não está fechada em si mesma, é celebração e compromisso de vida, que se estende para o cotidiano, levando à própria força renovadora do mistério pascal celebrado.

### 2.3. Espiritualidade litúrgica e suas características

Augé, compreende a espiritualidade litúrgica como comprometimento da vida global da pessoa<sup>43</sup>, ou seja, a experiência espiritual que a participação litúrgica gera não se reduz a uma atividade simplesmente restrita do momento ritual. Dito de outra forma Maldonado, afirma que uma das acepções da espiritualidade litúrgica é “vivenciar a fé e o mistério cristão não só com a mente ou com a inteligência, mas com o coração, centralizando e unificando de maneira

<sup>39</sup>SACROSANCTUM CONCILIUM: sobre a sagrada liturgia... nº12

<sup>40</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 54

<sup>41</sup>SACROSANCTUM CONCILIUM: sobre a sagrada liturgia... nº 13

<sup>42</sup>CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 55

<sup>43</sup> AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade... p. 338

definitiva todos os recursos e dimensões – externas e internas – da pessoa do fiel”<sup>44</sup>.

Ao se falar de liturgia estamos falando, diz o autor supracitado, de um momento ou de uma forma celebrativa concreta, que fiel a sua natureza não pode senão exprimir, e, conseqüentemente alimentar, um ambiente concreto de experiência cristã, uma espiritualidade concreta. Por outro lado, a experiência espiritual cristã não pode considerar a “celebração nem como estrutura facultativa, nem intermediaria, mas como um momento que alicerça, gerador da própria experiência”<sup>45</sup>.

Conquanto se a Igreja apresenta na liturgia uma espiritualidade própria, as características dessa pertencem de fato ao tesouro comum da vida espiritual cristã, afirma Augé<sup>46</sup>, e nos propõe como principais características:

1) **Espiritualidade bíblica** – a espiritualidade litúrgica é eminentemente bíblica, pois a liturgia não só se serve constantemente da Bíblia, mas não pode prescindir dela, porque é a Palavra de Deus que prepara e especifica a ação litúrgica no seu sentido e no seu valor eminentemente salvífico. Na liturgia a Palavra de Deus deixa de ser “palavra escrita, morta, para assumir sempre mais a função de anúncio-proclamação de um acontecimento de salvação presente”<sup>47</sup>.

2) **Espiritualidade cristológica** – todas as dimensões da história salvífica reunidas e centradas em Cristo, são tocadas na liturgia: encarnação, morte, ressurreição, subida ao céu e volta gloriosa. A liturgia assim torna presente o mistério de Cristo, que revela, anuncia e torna presente no tempo e no espaço sua forma salvífica. E a partir de Cristo, alcança a Trindade. Nisso, concorda Castellano<sup>48</sup> e Augé, “a liturgia é uma escola na qual se aprende o plano de salvação que existe desde a eternidade em Deus e o

---

<sup>44</sup> MALDONADO, Luis. A ação litúrgica: sacramento e celebração. São Paulo: Paulus, 1998, p.152

<sup>45</sup> MALDONADO, Luis. A ação litúrgica: sacramento e celebração... p.339

<sup>46</sup> AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade... p. 347

<sup>47</sup> AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade... p. 347

<sup>48</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 45

modo da sua atuação, antes em Cristo e depois, por do meio do Espírito em nós”<sup>49</sup>.

3) **Espiritualidade eclesial e sacramental** – a Igreja, Corpo Místico de Cristo<sup>50</sup>, encontra a sua forma concreta de localização, na assembleia litúrgica, pela qual nós, reunidos em assembleia, tomamos consciência e nos realizamos como Igreja que existe em determinado lugar e que aí tem o dever do testemunho e da missão. “A dimensão eclesiológica da liturgia se torna evidente, especialmente na celebração dos sacramentos, dos quais a igreja é ministro e sujeito”<sup>51</sup>.

4) **Espiritualidade pascal** – a espiritualidade litúrgica tem no mistério pascal a sua base, pois ele é a síntese de toda a revelação-salvação. Em sua essência a liturgia, “nos transmite a tendência para fazer-nos viver a salvação-mistério pascal em cada um dos seus momentos e consegue isso realizando em nós o mesmo mistério pascal reproduzido no seu momento culminante: morte e ressurreição de Cristo”<sup>52</sup>. Tal dinamismo pascal nos projeta para o completo aperfeiçoamento da obra redentora, dando assim origem a dimensão escatológica da espiritualidade litúrgica.

5) **Espiritualidade mistagógica** – a liturgia é mistagógica à medida que convida a entrar em contato com o mistério salvífico de Deus, o mistério de Cristo, chamado para transformar a nossa vida. A mistagogia na liturgia leva em consideração três elementos sendo eles: “a valorização dos sinais da liturgia; a interpretação dos ritos à luz da Escritura, na perspectiva da história da salvação; a abertura para o compromisso cristão e eclesial, expressão da nova vida em Cristo”<sup>53</sup>.

Como vimos, a espiritualidade litúrgica<sup>54</sup> busca fundamentalmente a que vivamos como Cristo no dom de si mesmo e no serviço ao próximo, o que pode nos proporcionar um crescimento humano-espiritual harmonioso no dom da vida.

---

<sup>49</sup>AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade... p. 348

<sup>50</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 46

<sup>51</sup>AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade... p. 349

<sup>52</sup> AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade... p. 351

<sup>53</sup> AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade... p. 352

<sup>54</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 85

## **CAPÍTULO III - O PROCESSO DE AMADURECIMENTO HUMANO-ESPIRITUAL**

### **3.1. O processo de tornar-se pessoa segundo Carl Rogers**

Carl R. Rogers, é o preconizador da Abordagem Centrada no Cliente, abordagem que tem suas bases na psicologia humanista<sup>55</sup>, a qual concebe o ser humano como um ser em busca e construção de si mesmo, cuja natureza continuamente se desvela e exprime no realizar de suas potencialidades e na atualização de seu potencial<sup>56</sup>. Só se é pessoa, se é realmente humano, no autêntico, livre e integrado ato de se desenvolver. Assim sendo, a natureza humana não é estática, ela possui uma fluidez que há leva/ lança ao crescimento num movimento contínuo de sair de si, de projetar-se, um devir, um incessante tornar-se, um contínuo processo de vir a ser.

O processo terapêutico<sup>57</sup> a partir dessa visão tem como objetivo levar a pessoa a ser ela mesma: propiciar ao cliente a conquista de uma existência mais autêntica, autoconsciente, transparente, espontânea, congruente, natural, verdadeira... a ênfase está na saúde e não na doença. Assim todo processo terapêutico bem-sucedido propiciará ao cliente uma aprendizagem ampla e profunda, significativa e por isso, libertadora e curativa.

Para Rogers, a terapia é um processo, uma coisa-em-si, uma experiência, um relacionamento, uma dinâmica.

“Se posso proporcionar um certo tipo de relação, o outro descobrirá dentro de si mesmo a capacidade de utilizar aquela relação para crescer, e mudança e desenvolvimento pessoal ocorrerão”. [Por crescimento, Rogers entendia o movimento na direção da autoestima, flexibilidade, respeito por si e pelos outros. Para Rogers, o homem é “incorrigivelmente socializado em seus desejos”. [Ou, como Rogers coloca o problema repetidamente, quando o homem é mais plenamente homem, ele é merecedor de confiança]<sup>58</sup>.

---

<sup>55</sup> Boainain Jr, Elias. Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers. São Paulo: Summus, 1998, p. 23

<sup>56</sup>Boainain Jr, Elias. Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade... p. 31

<sup>57</sup> Rogers, Carl R. Tornar-se pessoa. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 74

<sup>58</sup>Rogers, Carl R. Tornar-se pessoa... p. 10

No processo de tornar-se pessoa, para o referido autor, a pessoa irá passar por sete estágios sucessivos, mudando de uma fixidez para uma fluidez, ou seja, o indivíduo se sente plenamente aceito, o que implica que por parte do terapeuta que haja uma compreensão dos conceitos e da vivência da empatia e da aceitação incondicional do cliente, e que o mesmo possa experimentar essa condição na relação com o terapeuta. A seguir passo a apresentar as sete fases do processo terapêutico<sup>59</sup>:

**1ª FASE:** O indivíduo neste estágio se encontra num estado de rigidez e de distanciamento de sua experiência. Nessa fase ele, está representado em termos de imobilidade, fixidez, em oposição a qualquer fluxo ou mudança. As características deste estágio são:

- Recusa de comunicação pessoal;
- Comunicação apenas sobre assuntos exteriores;
- Os sentimentos e os significados pessoais não são apreendidos nem reconhecidos como tais;
- Os construtos pessoais são extremamente rígidos.
- À medida que o indivíduo por si mesmo faz a experiência de que é totalmente aceito, ele segue para segunda fase.

**2ª FASE:** A partir da experiência de aceitação, nota-se que a expressão simbólica se torna mais fácil e fluída, com tendência para manifestar as seguintes características:

- A expressão em relação aos tópicos referentes ao não-eu começa a ser mais fluente;
- Os problemas são captados como exteriores ao próprio indivíduo;
- Não existe o sentimento de responsabilidade pessoal em relação aos problemas;
- Os sentimentos são descritos como não possuídos ou, às vezes como objetos passados;
- Os sentimentos podem ser exteriorizados, mas não são reconhecidos como tais, nem pertencentes ao próprio indivíduo.
- A experiência está organizada segundo a estrutura do passado;

---

<sup>59</sup> Rogers, Carl R. Tornar-se pessoa...p. 149-177

- Os construtos pessoais são rígidos, não reconhecidos como construtos, mas concebidos como fatos;
- A diferenciação das significações pessoais e dos sentimentos é muito limitada e global;
- As contradições podem ser expressas, mas com um pequeno reconhecimento delas enquanto contradições.

**3ª FASE:** é marcada pela descontração e uma fluência da expressão.

Suas características são:

- Há um fluir mais livre da expressão do eu como um objeto;
- Expressão das experiências pessoais como se tratassem de objetos;
- Expressão sobre o eu como de um objeto refletido, que existisse primariamente nos outros;
- O cliente exprime e descreve os sentimentos e os significados pessoais que não estão presentes;
- Aceitação reduzida dos sentimentos;
- A experiência é descrita como passada, ou como algo de afastado do eu;
- A diferença dos sentimentos e dos significados é mais nítida, menos global do que nas fases precedentes;
- Há um reconhecimento das contradições da experiência;
- As opções pessoais são muitas vezes reconhecidas como ineficazes.

**4ª FASE:** há uma distensão de seus construtos e uma fluência mais livre dos sentimentos, características de movimento no contínuo. As características dessa fase são:

- O cliente descreve sentimentos mais intensos do tipo “não-presentes-agora”;
- Os sentimentos são descritos como objetos no presente, outras vezes surgem como que contra os desejos do cliente;
- Tendência a experimentar sentimentos no presente imediato, mas que é acompanhada de desconfiança e de medo perante essa possibilidade;
- Pouca abertura à aceitação dos sentimentos, embora já se manifeste alguma aceitação;

- A experiência é menos determinada pela estrutura do passado, é menos longínqua e surge mesmo, por vezes como um ligeiro atraso;
- Surge um relaxamento na forma como a experiência é construída;
- Há maior diferenciação dos sentimentos, dos construtos, das significações pessoais, com certa tendência para procurar uma simbolização exata;
- Dá-se uma apreensão das contradições e das incongruências entre a experiência e o eu.
- O indivíduo toma consciência da sua responsabilidade perante os seus problemas pessoais, mas com alguma hesitação;

**5ª FASE:** propicia uma maior abertura e uma renovada liberdade no fluxo organísmico. São características dessa fase:

- Uma expressão livre dos sentimentos como se fossem experimentados no presente;
- Os sentimentos estão prestes a ser plenamente experimentados. Começam a subir à superfície, apesar do receio e da desconfiança que o cliente experimenta em vivê-los de um modo pleno e imediato;
- Propicia a despontar uma tendência para perceber que a experiência de um sentimento envolve uma referência direta;
- Há surpresa e receio, raramente prazer, quando os sentimentos emergem à superfície;
- Há cada vez mais uma chamada a si dos próprios sentimentos e o desejo de vivê-los, de ser o “verdadeiro eu”;
- A experiência é mais maleável, já não distante e ocorre frequentemente com um ligeiro atraso;
- Há uma tendência forte e evidente para a exatidão na diferenciação dos sentimentos e das significações;
- O indivíduo aceita cada vez mais enfrentar as suas próprias contradições e incongruências na experiência;
- O diálogo interior torna-se mais livre, melhora a comunicação interna e reduz seu bloqueio.

**6ª FASE:** supondo que na relação terapêutica o cliente se sinta plenamente aceito, se seguira a sexta fase ou estágio distinto e frequentemente dramático, caracterizando-se do seguinte modo:

- Pelo caráter imediato da experiência e o sentimento que constitui o seu conteúdo são aceitos. Isto é algo real e não uma coisa para ser negada, temida e combatida.
- Pela experiência que é vivida subjetivamente e não como objeto de um sentimento;
- Pelo eu que tende a desaparecer enquanto objeto;
- Pela experiência, que nesta fase, assume a qualidade de um processo real;
- Pela descontração fisiológica que a acompanha;
- A comunicação interior é livre e relativamente pouco bloqueada;
- O momento da experiência integral torna-se uma referência clara e definida;
- Não há mais “problemas” exteriores e interiores – o cliente está vivendo subjetivamente uma fase do seu problema.

**7ª FASE:** nesta fase a aceitação por parte do terapeuta torna-se relativa, o cliente vive sua própria experiência de forma mais plena. Esta fase tem como características:

- A experimentação de novos sentimentos com um caráter de imediatismo e com uma riqueza de pormenor, tanto na relação terapêutica como fora dela;
- A experiência de tais sentimentos é utilizada como um claro ponto de referência;
- Há um sentimento crescente e continuado de aceitação pessoal desses sentimentos em mudança e uma confiança sólida na sua própria evolução;
- A experiência imediata perdeu quase completamente os seus aspectos esquemáticos e torna-se a experiência de um processo – ou seja, a situação é experienciada e interpretada na sua novidade e não como passado;

- O eu torna-se cada vez mais simplesmente a consciência subjetiva e reflexiva da experiência;
- Os construtos pessoais são provisoriamente reformulados, a fim de serem eventualmente revalidados pela experiência em curso;
- A comunicação interior é clara, com sentimentos e símbolos bem delimitados e com termos novos para sentimentos novos.

Todo o processo terapêutico implica uma transformação das formas de vivenciar, ele começa com uma fixidez na qual o indivíduo está muito afastado da sua vivencia e é incapaz de extrair ou de simbolizar a sua significação implícita e faz a passagem a uma maior fluidez de experiências, a uma crescente maleabilidade dos mapas cognitivos da experiência, ou seja, há uma mudança na maneira de estabelecer relações, o indivíduo modificou-se, se tornando um processo integrado de transformação<sup>60</sup>.

Portanto, para Boanaim Jr, a exploração e a vivência da espiritualidade é natural à medida que o cliente avança no processo terapêutico:

No campo da psicoterapia, nosso trabalho se foca naquilo que de mais íntimo e significativo existe nas pessoas, sua subjetividade ou o seu eu. Esse eu visto sob o prisma da espiritualidade é justamente a centelha do divino em nós...O caminho para a espiritualidade é, sem dúvida, um caminho para o interior de nós mesmos e isso tem muito a ver com o processo psicoterapêutico, na medida em que, através dele, aprofundamos nosso conhecimento de nós mesmos para um dia, quem sabe, poderemos vir a entrar em contato com a Centelha.<sup>61</sup>

### **3.2. Características de uma pessoa em vias de amadurecimento humano-espiritual**

Grun<sup>62</sup>, define a palavra amadurecer como um processo de crescimento. Assim a pessoa amadurecida humanamente é aquela que torna visível o que há dentro dela em termos de possibilidades e capacidades. É alguém que sabe lidar bem consigo mesma e com as outras pessoas, sendo capaz de relacionar-se e

<sup>60</sup> Rogers, Carl R. Tornar-se pessoa... p. 179-181.

<sup>61</sup> Boanaim Jr, Elias. Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade... p. 161

<sup>62</sup> GRÜN, Anselm e SARTORIUS, Christiane. Amadurecimento espiritual e humano na vida religiosa. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p.9

de trabalhar em equipe, de contribuir com a formação do mundo. Um aspecto primordial que o autor, aponta para a maturidade é sua capacidade de se relacionar consigo mesma e com a vida sendo capaz de dizer sim a si mesma, do jeito que é. A maturidade humana se caracteriza pela serenidade, paz interior, vivacidade e abertura, fecundidade e criatividade.

Para a psicologia humanista madura é a pessoa que se realiza, que faz florescer, ao longo de sua vida, sua vocação única<sup>63</sup>, diz Grün, ressaltando dessa forma a unicidade da pessoa. Conforme Carl R. Rogers, também faz parte da autorrealização admitir e satisfazer as necessidades religiosas. Sendo decisivo para pessoa a descoberta da própria escala interior de valores agindo de acordo com elas, em vez de se orientar pelas expectativas de outrem, ou seja, o indivíduo deverá ter como meta e fim intencionalmente ou inconscientemente, a busca de tornar-se ele mesmo<sup>64</sup>. Assim sendo, o objetivo principal do ser humano deverá ser o chegar a sua fonte interior, pois que esta nunca seca, porque é uma fonte divina<sup>65</sup>.

No que tange ao amadurecimento espiritual<sup>66</sup>, Grün e Sartorius, afirma que cada pessoa deve buscar levar à plenitude aquela imagem singular que Deus faz dela, que realize seu próprio ser, que encontre a forma a ela destinada por Deus. Nesse processo de amadurecimento é preciso ouvir a voz de Deus dentro de nós e a partir daí reconhecer essa imagem que Deus fez de cada pessoa humana.

Para Garcia Rubio<sup>67</sup>, a experiência de Deus está no centro da vida da pessoa cristã. No caso cristão trata-se do Deus da revelação bíblico-cristã, do Deus salvador-criador, do Deus revelado em Jesus Cristo. Para se fazer a experiência do Deus de Jesus Cristo, é necessário ao ser humano certo grau de maturidade, pois está implica na capacidade de se decidir pela abertura ou pelo fechamento, uma vez que Ele é um Deus Amor que não se impõe pela força.

---

<sup>63</sup>GRÜN, Anselm e SARTORIUS, Christiane. Amadurecimento espiritual e humano... p. 19

<sup>64</sup>Rogers, Carl R. Tornar-se pessoa... p. 122

<sup>65</sup>GRÜN, Anselm e SARTORIUS, Christiane. Amadurecimento espiritual e humano... p. 29

<sup>66</sup>GRÜN, Anselm e SARTORIUS, Christiane. Amadurecimento espiritual e humano...p. 10

<sup>67</sup>GARCIA RUBIO, Alfonso. A caminho da maturidade na experiência de Deus. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 5

Sobre o amadurecimento humano, que o autor supracitado, se refere como humanização do ser humano, o mesmo aponta a partir da revelação bíblica algumas características que explicitam o projeto de Deus para o ser humano a partir do Antigo Testamento:

(...) relação confiante e amorosa com o Deus que suscita a vida; relação dialógica, pautada pela concreta reciprocidade e solidariedade entre os seres humanos nos distintos níveis; relação cuidadosa e responsável diante do mundo criado pela bondade e pelo amor de Deus; relação verdadeira com o próprio ser interior, longe de máscaras e mentiras a respeito da própria realidade.<sup>68</sup>

Referindo-se ao Novo Testamento, Garcia Rubio, dirá que é central a afirmação de que a atuação salvífica de Deus se realiza em Cristo Jesus. Nele encontramos a imagem perfeita de Deus (Cl 1,15):

De fato, o projeto de humanização do ser humano, em conformidade com Jesus Cristo, orienta para uma existência dialógica dinamizada pela experiência de uma confiança filial, que nada tem a ver com a projeção em Deus do desejo infantil de onipotência. Orienta, inseparavelmente, para a vivência do amor-serviço e da solidariedade em relação com os irmãos e irmãs concretos. Interpela a vivência de uma relação responsável e livre com o mundo criado por Deus<sup>69</sup>.

### **3.3. Vivencia da espiritualidade litúrgica e suas contribuições para o processo de amadurecimento humano**

Para Castellano, toda espiritualidade cristã em sua essência “tem na liturgia da Igreja seu manancial, sua escola, seu ápice”<sup>70</sup>. Ou seja, é sobretudo através da liturgia que a vida espiritual cristã é transmitida, desenvolvida, amadurece e chega à sua perfeição. Assim, uma espiritualidade é litúrgica a medida que concorda com o conteúdo, o estilo e o ritmo da liturgia da Igreja.

Como visto anteriormente, a vida espiritual é vivida e faz sua experiência em um amplo campo da existência concreta como: oração, ascese, deveres da

<sup>68</sup> GARCIA RUBIO, Alfonso. A caminho da maturidade na experiência de Deus... p. 92

<sup>69</sup> GARCIA RUBIO, Alfonso. A caminho da maturidade na experiência de Deus... p. 93

<sup>70</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 114.

própria vocação na Igreja, apostolado, compromisso com o mundo. Conquanto, a espiritualidade litúrgica tem características próprias da “espiritualidade cristã que na liturgia tem sua fonte, seu ápice e seu modelo”<sup>71</sup>.

A vivencia da espiritualidade litúrgica acontece e se desenvolve naquilo que lhe é próprio a saber: a celebração. Portanto, há que se vigiar para que aqueles que participam das celebrações tenham uma adequada educação para que de fato sejam capazes de forjar a sua experiência. “É dever dos sagrados pastores vigiar que, na ação litúrgica, não só se observem as leis para a válida e lícita celebração, mas que os fiéis participem dela com conhecimento de causa, ativa e frutuosamente”<sup>72</sup>.

A liturgia que é o mistério de Cristo presente em sua Igreja, exige um total envolvimento do crente, que não participa de algo, mas celebra Alguém, de modo pessoal e ao mesmo tempo comunitário se é chamado a responder plenamente ao dom da Palavra, e dos sacramentos. Assim ao celebrarmos temos a vida inteira envolvida:

(...) a beleza, a sobriedade e a dignidade dos sinais litúrgicos; a força unificadora da contemplação, a prazerosa explosão festiva do canto; a participação de todo o corpo em uma liturgia que pede o olhar, o gesto orante, a atenção à Palavra, a alegria do canto, o perfume das flores e do incenso. Porém, o humano entrelaçar-se-á com o divino onde as expressões externas forem vividas na pobreza e na confiança, na paz e no amor, em uma sóbria embriaguez do Espírito que nunca faz prevalecer o “carnal” ou o “psíquico” sobre a dimensão espiritual da liturgia<sup>73</sup>.

### **3.3.1. Sacramentos de cura: o Sacramento da Penitência e da Reconciliação**

Segundo o Catecismo da Igreja Católica<sup>74</sup>, pelos sacramentos da iniciação cristã, recebemos a vida nova em Cristo, porém está vida nós a trazemos “em vasos de argila” (2Cor 4,7). Portanto, sujeitos ao sofrimento, à doença e a morte; assim a Igreja através dos sacramentos da Penitencia e da

<sup>71</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 117

<sup>72</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 97

<sup>73</sup> CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência... p. 108

<sup>74</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, 1999, nº1420-1421

Unção dos Enfermos tem como finalidade continuar a obra de salvação e cura de Cristo Jesus, o médico de nossas almas e corpos.

Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência obtêm da misericórdia divina o perdão da ofensa feita a Deus e ao mesmo tempo são reconciliados com a Igreja que feriram pecando, e a qual colabora para sua conversão com caridade, exemplo e orações<sup>75</sup>.

Para o Conselho Pontifício para a promoção da Nova Evangelização<sup>76</sup>, o sacramento da reconciliação tem como um de seus pressupostos a formação da consciência, tarefa urgente na atualidade, uma vez que nossa sociedade é marcada por graves fenômenos de degradação humana e moral, e “muitas consciências vivem amordaçadas pela opinião pública, quase adormecidas ou resignadas numa espécie de inocentismo irenista”<sup>77</sup>, sendo a incapacidade de análise da própria consciência uma contradição do ser humano moderno.

Ainda segundo o referido documento<sup>78</sup>, há uma participação do homem em Deus através da consciência, assim uma ligação direta entre o ser humano e Deus dá a este dignidade e liberdade plena no “confronto com tudo o que seja coercitivo e tenda a manipular suas escolhas”. Ou seja, a presença de Deus na consciência humana a torna livre, capaz de procurar a verdade e o bem. Porém, é necessário para que ela cresça, ser formada, se exercitar com a ajuda da “Palavra de Deus viva na transmissão ininterrupta, do conselho, do confronto franco e leal, do silêncio e da reflexão, da oração”.

A consciência requer formação e educação, ela revela nossa identidade, gera um estilo de vida, indica uma maturidade pessoal, uma sensibilidade pela instância moral e social. Ao contrário, a perda ou mutismo da consciência podem tornar-se a doença que envenena não só a vida de fé, mas uma civilização inteira<sup>79</sup>.

<sup>75</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA... nº 1422.

<sup>76</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. A confissão sacramento da Misericórdia. São Paulo: Paulus, 2015.

<sup>77</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. A confissão sacramento da Misericórdia... p. 109.

<sup>78</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. A confissão sacramento da Misericórdia... p. 110

<sup>79</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. A confissão sacramento da Misericórdia... p. 111

Assim, reconhecer os pecados – que é uma visão falsa de si, dos outros, do mundo e de Deus – é uma etapa no percurso do conhecimento de si e de Deus, um caminho ou processo difícil, mas, ao mesmo tempo belo e envolvente<sup>80</sup>. Cumpre, portanto, ao sacramento da Penitência e Reconciliação atualizar e realizar sacramentalmente o convite de Jesus a conversão, a qual será uma tarefa ininterrupta da Igreja, sendo este esforço de conversão não apenas uma “obra humana, mas um movimento do “coração contrito” atraído e movido pela graça a responder ao amor misericordioso de Deus que nos amou primeiro”<sup>81</sup>.

Estruturalmente, este sacramento conta de dois elementos igualmente essenciais:

(...) de um lado, os atos do homem que se converte sob a ação do Espírito Santo, a saber, a contrição, a confissão e a satisfação; de outro lado, a ação de Deus por intermédio da Igreja. A Igreja que, pelo Bispo e seus presbíteros, concede, em nome de Jesus Cristo, o perdão dos pecados e fixa a modalidade da satisfação, ora pelo pecador e faz penitência com ele. Assim o pecador é curado e reintegrado na comunhão eclesial<sup>82</sup>.

Lembra-nos ainda o catecismo<sup>83</sup> que o penitente perdoado se reconcilia consigo mesmo, recuperando a própria verdade interior, com os irmãos que de alguma maneira ofendeu ou feriu, com a Igreja e com a criação. Portanto, no encontro com Cristo que salva, “o pecador encontra a sua própria imagem de filho amado e perdoado. Ele então chega a ser filho no Filho, e tal reconhecimento abre-se ao desejo de uma vida cada vez mais feliz”<sup>84</sup>.

Enfim, a vivência da espiritualidade litúrgica, pode contribuir de maneira eficaz para o amadurecimento humano, à medida que sua celebração seja capaz de envolver o humano a tal ponto de transformá-lo naquela imagem que Deus imagina do homem e da mulher maduros, ou seja, que tenham um auto-reconhecimento honesto e livre de medo, sem necessidade de julgar outras

<sup>80</sup>CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. A confissão sacramento da Misericórdia... p. 111

<sup>81</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA... nº 1428.

<sup>82</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA... nº 1448.

<sup>83</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA... nº 1469.

<sup>84</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. A confissão sacramento da Misericórdia... p. 114.

peçoas, pois a meta da espiritualidade amadurecida não é uma peçoas perfeita, e sim Deus e o amor para com Ele<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> GRÜN, Anselm e SARTORIUS, Christiane. Amadurecimento espiritual e humano... p. 203.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo foi a de refletir sobre como a espiritualidade litúrgica pode contribuir para o desenvolvimento de pessoas humanas mais plenas, buscando aproximar duas áreas de saber a Liturgia e a Psicologia. Para isso, discutimos os principais conceitos referentes ao tema como os conceitos de espiritualidade cristã e litúrgica, liturgia e psicologia na visão humanista de Carl Rogers. A partir da revisão bibliográfica realizada, pode-se observar que há um vasto campo de pesquisa que não se esgota, porém, esta aproximação da psicologia humanista com a Liturgia ainda é bastante escassa, havendo uma aproximação maior da psicanálise.

Embora, a espiritualidade seja um tema presente na história das ciências humanas, em especial da psicologia este foi deixado à margem, uma vez que essa disciplina na busca da cientificidade acabou por assim deixá-lo, no entanto, em nossa época esse ressurgiu de maneira tímida, e apresenta um grande crescimento em termos de organização e produção de trabalhos acadêmicos.

No que tange a espiritualidade litúrgica, esta se mistura a espiritualidade cristã, dito de outra forma ambas estão intimamente ligadas. A primeira fala da experiência espiritual que a participação litúrgica gera e que não se reduz a uma atividade simplesmente restrita do momento ritual, abrangendo, portanto, a vida inteira do cristão. Já quando falamos de espiritualidade cristã, estamos dizendo desse mesmo dinamismo vital em comunhão com Deus, tal como se deu na vida e práxis de Jesus de Nazaré.

Quando expomos as conceituações do amadurecimento humano-espiritual, falamos de um ser humano integral, global, ou seja, do ser humano que torna visível o que há dentro de si em termos de possibilidades e capacidades, capaz de lidar consigo mesmo e com outros, de relacionar e de trabalhar em comunidade, de contribuir com a formação do mundo. Capaz de ouvir a voz de Deus dentro de si e a partir daí reconhecer a imagem que Deus faz de cada pessoa humana. Como se vê o amadurecimento humano e espiritual podem caminhar juntos, sendo o primeiro primordial para eliminar as arestas ou as “vozes” que clamam, para chegar a ouvir a “VOZ”.

Se de um lado é necessário o reconhecimento da espiritualidade como componente essencial da personalidade e da saúde por parte dos profissionais; de outro é necessário a Liturgia enquanto ciência abraçar e utilizar as ferramentas disponível da Psicologia visando a promoção da saúde integral da pessoa, uma vez que seu amadurecimento humano irá influir diretamente na maneira de celebrar e viver os valores cristãos, além de sua participação afetiva e efetiva na comunidade eclesial.

Outro fator que nos aponta a literatura científica é contribuição que cada umas das ciências Liturgia e Psicologia, podem dar em vistas a este processo de amadurecimento humano-espiritual da pessoa. Aproximar os sacramentos de cura da Psicologia pode ser de grande proveito tanto para a pastoral quanto para a própria psicologia, uma vez que ambas buscam o restabelecimento da saúde do ser humano.

A partir de nossa proposta pudemos observar que a vivência da espiritualidade litúrgica é um fator que pode contribuir significativamente na melhora da qualidade de vida tanto do sujeito, quanto da comunidade eclesial. Enfim, esse é um trabalho que passa prioritariamente pela interdisciplinaridade, pois a Liturgia poderá terapêutica e ajudar o ser humano a ressignificar a sua vida, uma vez que celebrada no seu estatuto ritual como nos propõe o Concilio Vaticano II, com ampla fundamentação teológica na Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCONA-LOPES, Marília. **Psicologia e Religião: recursos para construção do conhecimento.** Estud. psicol. (Campinas) [online]. 2002, vol.19, n.2, pp. 78-85.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Posições religiosas ao longo do desenvolvimento humano.** In: Angerani – Camon, Valdemar Augusto (org.). *Vanguarda em psicoterapia fenomenológico-existencial.* São Paulo: Thomson Learning, 2004.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Viver segundo o espírito de Jesus Cristo: espiritualidade como seguimento.** Convergência, novembro 2011. XLVI. Nº 446 (p. 574-592).

AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade.** São Paulo: Ave Maria, 1996 (p. 338-347).

BOFF, L. **Espiritualidade. Um caminho de transformação.** Rio de Janeiro: Sextante, 2001 (94 págs.).

BOAINAIN Jr., Elias. **Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers.** São Paulo: Summus, 1998 (288 págs.).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, 1999 (p. 391-408).

CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência.** São Paulo: Paulinas, 2008 (456 págs.).

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **A confissão sacramento da Misericórdia.** São Paulo: Paulus, 2015 (136 págs.).

COELHO J., A.G.; MAHFOUD, Miguel. **As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl.** Psicol. USP, v.12, n.2. São Paulo: 2001. Disponível em: [www.scielo.com](http://www.scielo.com). Acesso: 06/06/2009.

GARCIA RUBIO, Alfonso. **A caminho da maturidade na experiência de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2008 (232 págs.).

GIOVANETTI, José Paulo. **O Sagrado na Psicoterapia.** In: Angerani – Camon, Valdemar Augusto (org.). *Vanguarda em psicoterapia fenomenológico-existencial.* São Paulo: Thomson Learning, 2004 (p. 1-24).

GRÜN, Anselm e SARTORIUS, Christiane. **Amadurecimento espiritual e humano na vida religiosa**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008 (224 págs.).

KOVÁCS, Maria Júlia. **Espiritualidade e psicologia – cuidados partilhados**. São Paulo: 2007: abr/jun 31(2): 246-255.

MALDONADO, Luis. **A ação litúrgica: sacramento e celebração**. São Paulo: Paulus, 1998 (p. 151-164).

NOVAES, Adenauer Marcos Ferraz de. **Psicologia e espiritualidade**. – Salvador: Fundação Lar Harmonia, 09/2003. Disponível em: [http://spiritist.com/arquivo/books/pt/ANpsi espiritualidade.pdf](http://spiritist.com/arquivo/books/pt/ANpsi%20espiritualidade.pdf). Acesso em: 30/09/2009.

PEREZ, Julio Fernando Prieto. **Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia**. Ver. Psiq. Clín. 34, supl 1; 136-145, 2007.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009 (502 págs.).

SACROSANCTUM CONCILIUM: sobre a sagrada liturgia. 11ªed. São Paulo: Paulinas, 2011 (88 págs.).

SANCHEZ, Z.M.; NAPOO, S.A. **A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas**. Rev. Psiq. Clín. 34, supl 1; 73-81, 2007.